

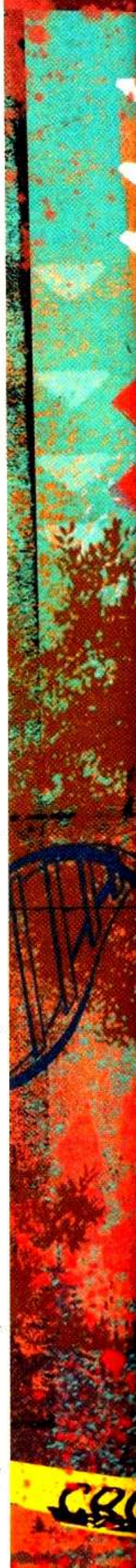
# CAÇADA AO ASSASSINO DAS GREEN MOUNTAINS

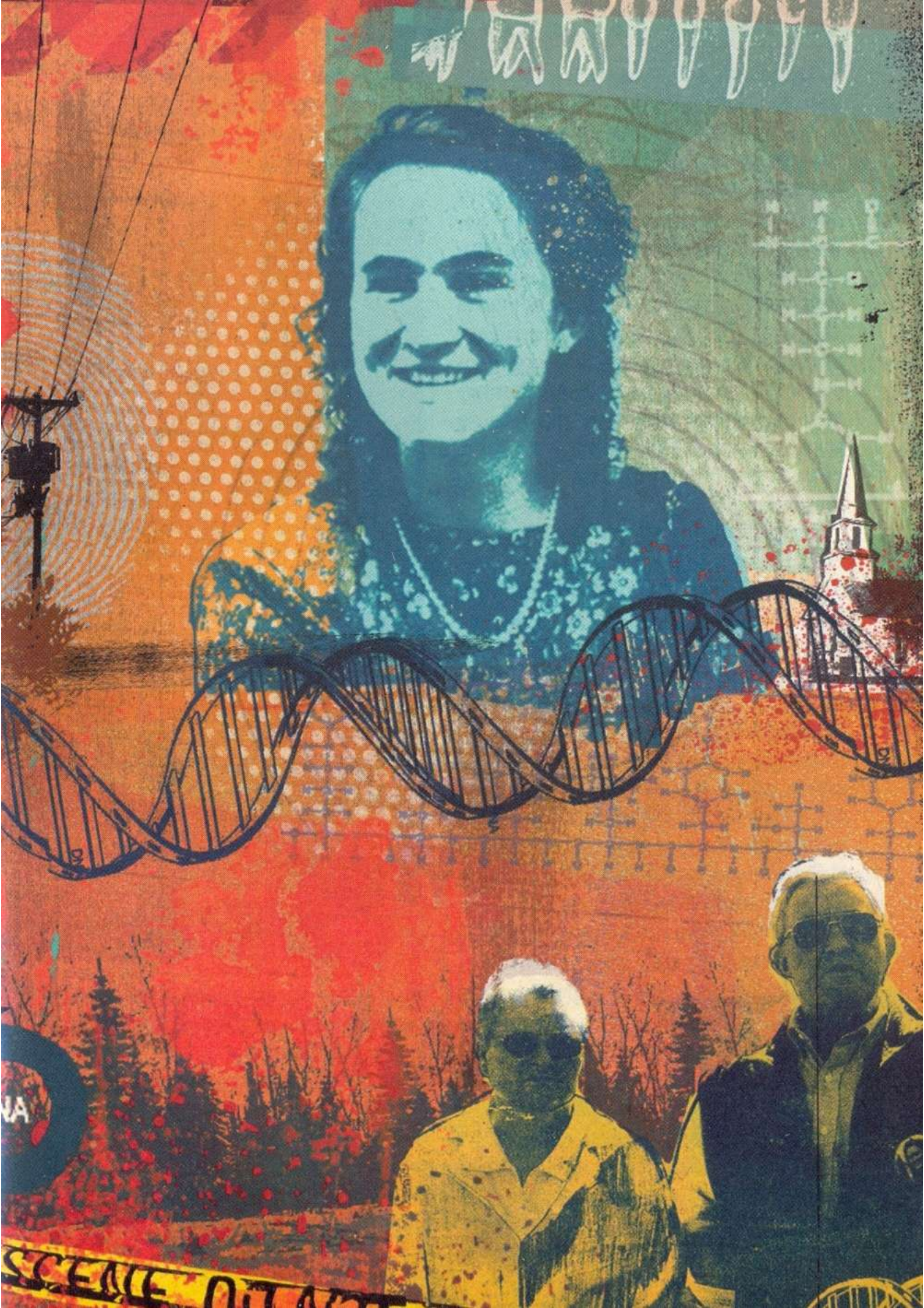
Durante 13 anos, Ann e David Scoville tiveram uma missão: desvendar o assassinato da filha

**POR ROBERT KIENER**

QUANDO PATRICIA SCOVILLE trocou Boston pela pitoresca cidade de Stowe, em Vermont, os pais ficaram aliviados, julgando que ela estivesse afinal num lugar tranquilo. Sendo eles próprios moradores de cidade pequena, preocupavam-se que a filha vivesse numa metrópole. Assim, quando seus telefonemas não foram atendidos pouco tempo depois de Patricia se mudar, Ann e David não ficaram alarmados.

Extrovertida, ex-líder de torcida e presidente de seu grêmio estudantil em Cornell, Patricia, 28 anos, sempre fora uma filha sincera e atenciosa. Primogênita de três filhos, era uma menina responsável que com frequência tomava decisões acertadas. Apaixonada por ciclismo, caminhada e esqui, encantara-se pela cidadezinha situada nas Green Mountains, onde a família de seu amigo Neil Hillmer tinha uma casa de veraneio. Então, respondeu a um anúncio, encontrou alguém para dividir uma casa e se mudou.





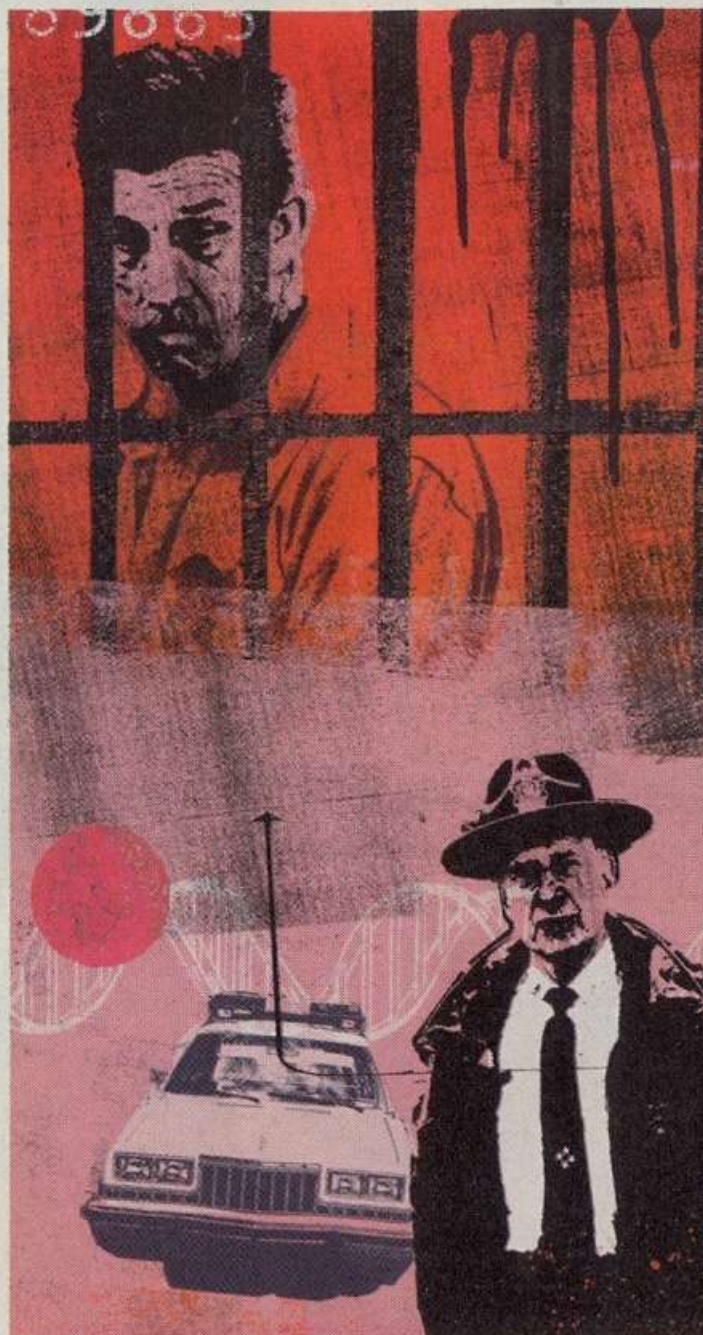
Depois de três dias de telefonemas não atendidos, David e Ann começaram a ficar apreensivos. Naquela noite de outubro de 1991, eles estavam juntos na cozinha quando Ann telefonou outra vez. A moça com quem Patricia dividia a casa, Annette Dickinson, atendeu. Explicou que Patricia tinha ido passar o fim de semana na casa dos Hillmers, mas já deveria ter voltado. E faltara a diversos compromissos. Qualquer pessoa que conhecesse Patricia sabia que ela não se comportava assim. Depois de falar com os Scovilles, Annette ligou para a polícia.

David telefonou para a casa de Neil Hillmer, e um policial de Stowe atendeu. Disse a David que alguém logo retornaria a ligação. Nesse meio-tempo, eles veiculariam um relatório sobre o desaparecimento de Patricia, na estação de TV de Burlington, às onze da noite.

Passava da meia-noite quando o chefe de polícia retornou a ligação. Em resposta ao relatório noticiado – explicou –, surgira uma pista. Alguém tinha visto a bicicleta de Patricia na Cascata Moss Glen, seis quilômetros ao norte de Stowe. “Acho melhor vocês virem para cá”, aconselhou. Depois de longa pausa, o policial acrescentou: “Tragam o histórico dentário da moça, por via das dúvidas.”

VÁRIOS POLICIAIS, profissionais de resgate, cães farejadores, voluntários e caçadores familiarizados com a região acidentada que circunda a Cascata Moss Glen participaram da

busca. No sexto dia, a terça-feira 29 de outubro, quando, exaustos e temerosos, os Scovilles aguardavam por notícias no quarto de hotel, o capitão



de polícia Kenneth Kaplan bateu à porta. Sentia muito, disse ele, mas haviam achado Patricia. O corpo tinha sido encontrado, coberto de plantas e galhos, a uns 60 metros do alto da Cascata Moss Glen. A esplendorosa queda-d'água, com seus 45 metros de altura, era um cenário incompatível com o horror que acon-

tecera ali. Patricia havia levado uma pancada na cabeça. Tinha sido estupro e estrangulada.

Homicídios eram raros naquele local sossegado dos Estados Unidos: o assassinato de Patricia fora o terceiro em 22 anos. “Temos o DNA do homem”, disse aos Scovilles o detetive Bruce Merriam, de Stowe, à frente da investigação. “É só uma questão de tempo até o acharmos.”

A polícia interrogou Annette Dickinson, Neil Hillmer e quem quer que fizesse parte do círculo de ami-

DEPOIS DE UM ANO da morte de Patricia, os Scovilles sentiam-se cada vez mais frustrados com a falta de progresso nas investigações. Por que a polícia não prendera o assassino e por que não exigia que todo homem adulto num raio de 150 quilômetros de Stowe fornecesse seu DNA?

O casal sempre insistia com a polícia. Ao ouvir falar do homicídio de uma moça quase da mesma idade de Patricia em Massachusetts, Ann ligou para Bruce Merriam, sugerindo que talvez o assassino fosse o mesmo. Ele

## O ASSASSINO ESTAVA PERTO, MAS TORNARA-SE INVISÍVEL.

zades de Patricia. Todos tinham álibi. Os policiais também examinaram as agendas telefônicas dela, investigaram ex-namorados, conhecidos e até antigos chefes. Pediram aos principais suspeitos amostras de DNA, e a maioria atendeu à solicitação. Médicos telefonavam com dicas. Doentes mentais confessavam o assassinato. Não havia correspondência com o DNA do assassino. A polícia seguia centenas de pistas, mas voltava de mãos vazias. O assassino de Patricia provavelmente estava por perto. Mas se tornara invisível.

A experiência prova que um crime é mais facilmente solucionado nas primeiras 72 horas e, à medida que o tempo passa e as pistas se esgotam, isso se torna menos provável. Com o assassinato de Patricia, nada dava resultado.

investigou o ocorrido, mas novamente não havia relação.

Os Scovilles sentiam-se impotentes. E apavorados. Quando, no meio da noite, um automóvel desconhecido parava na frente da casa, Ann entrava em pânico. Espiava pelas venezianas do quarto. Será que alguém os estava seguindo? Agora, assim que entrava no carro, trancava logo as portas. E ela e David não se desgrudavam.

Outro ano se passou. A cada aniversário do assassinato de Patricia, os Scovilles faziam a dolorosa viagem de 550 quilômetros até Stowe para plantar uma árvore, doar um banco a uma praça ou praticar qualquer outro ato que atraísse a atenção das pessoas para o caso. Parentes e amigos aumentaram para 15 mil dólares a recompensa por informa-

ções que levassem à prisão do assassino. Nada adiantava e, à aproximação do quinto aniversário do crime, David e Ann se achavam terrivelmente desiludidos.

Num encontro com Bruce Merriam, na recepção da delegacia de Stowe, perguntaram repetidas vezes o que mais poderiam fazer. Juntos, os três começaram a formular uma nova estratégia. Os Scovilles deixariam de pairar à margem da investigação e se dedicariam a uma causa.

Vermont, Rhode Island e seis outros estados ainda não haviam apro-

da filha, mas ali em Montpelier, na sede da assembleia legislativa estadual, sentados à longa mesa de carvalho de frente para o comitê judiciário da Câmara de Vermont, Ann e David relembrou tudo mais uma vez. Segurando o texto batido à máquina e ladeada por duas fotografias de Patricia, Ann respirou fundo e começou. Devagar, com enorme autocontrole, deu seu testemunho aos legisladores. Não chorou.

Por mais difícil que fosse, David e Ann nunca recusavam uma chance de lutar pela mudança. Queriam

## O ASSASSINO PODE ESTAR PRESO. SEM O DNA, NUNCA SABEREMOS.

vado leis que exigissem exame de DNA de todo criminoso violento. E nenhum desses estados criara um banco de dados para DNA. Se essas duas medidas fossem tomadas, Merriam lhes disse, a polícia teria mais chance de pegar o assassino.

NEVAVA NA rodovia do Estado de Nova York em janeiro de 1997, quando David e Ann Scoville foram a Montpelier, em Vermont. Eles haviam percorrido aquela estrada muitas vezes, mas dessa vez teriam a oportunidade de contar aos legisladores de Vermont a história da perda de Patricia, na esperança de que os membros da câmara aprovassem um projeto de lei para criar o banco de dados de DNA.

Era angustiante descrever a morte

incentivar todos os estados a criar o registro de DNA, porque, na cruzada pela punição do assassino da filha, haviam descoberto que na maioria das vezes os suspeitos eram assassinos seriais, já encarcerados por crimes semelhantes. E, entrevista após entrevista, diziam aos repórteres: "O assassino de Patricia pode até já estar na cadeia mas, sem o registro de DNA, como saber?"

Sete anos depois do homicídio, e graças aos Scovilles e ao trabalho de outras pessoas que aderiram à causa, Vermont e Rhode Island aprovaram leis para criar o registro de DNA e exigir que os criminosos violentos fornecessem amostras. Mas, para os Scovilles, não houve nenhum avanço. O processo de coleta e análise de DNA levaria anos.

EM MARÇO de 2005, David e Ann estavam de férias na Flórida. Tinham passado o dia numa praia, lendo e tomando sol. Ao voltarem para o quarto do hotel, verificaram as mensagens na secretária eletrônica de casa. Uma delas era de Kenneth Kaplan, agora chefe de polícia de Stowe. Eles ligaram de volta imediatamente.

“Preciso lhes contar algo”, disse Kaplan, “mas vocês devem manter sigilo. Achamos uma correspondência de DNA.” Numa situação muito semelhante à que David um dia previra, o teste de um homem que já estivera preso em Vermont, mas ganhara liberdade condicional e estava livre, tornava-o forte suspeito.

Em 1997, Howard G. Godfrey havia sido condenado por agressão. Dera uma pancada na cabeça de uma mulher com um pedaço de pau, depois encostara uma arma em sua barriga e ameaçara atirar. Ela era mais ou menos da idade de Patricia. Na época do assassinato desta, Godfrey morava a apenas dez quilômetros da Cascata Moss Glen.

Ele estivera ali o tempo todo, mas incógnito até os Scovilles conseguirem que o estado de Vermont exigisse dos criminosos violentos amostras de DNA para o banco de dados de infratores. Foi essa lei que finalmente revelou a identidade de Ho-

ward Godfrey. Treze torturantes anos depois da morte de Patricia, os Scovilles obtinham um avanço.

Em setembro de 2004, amostras de DNA tiradas de criminosos violentos, entre as quais as de Godfrey, foram enviadas a um laboratório para análise. Os resultados foram incluídos no banco de dados do FBI em fevereiro de 2005, para serem confrontados com amostras de DNA coletadas em processos de crimes não solucionados. Em poucos dias, o FBI notificou às autoridades de Vermont que havia estabelecido correspondência entre a amostra do “Infrator Nº 2000-0043” e a do caso de Patricia. Era o DNA de Howard Godfrey.

NO DIA 31 DE MARÇO de 2005, Ann e David foram ao Tribunal de Vermont, em Hyde Park, e ouviram Godfrey, 58 anos, declarar-se inocente do assassinato da filha deles. Agora, preso sem direito a fiança, Godfrey aguarda julgamento. “No fim dos filmes policiais da TV, o caso sempre se resolve”, explicam os Scovilles. “Mas, quando se perde um filho, o caso não se resolve nunca. Nós lutamos pela lei do DNA para que Patricia não fosse esquecida. E na esperança de que novas leis ajudassem outras vítimas e suas famílias a encontrar paz e justiça.”

## MÁXIMAS

Confiança – Via que se dá a alguém para que cometa abusos.

Modéstia – Reconhecer que não se é perfeito, mas sem dizê-lo a ninguém.

ENOS MOURA, São Paulo (SP)